

## REFLEXÕES ACERCA DO ESPORTE ESCOLAR

Thaise Reinert  
Maria Janaína Marques Valente

Universidade Tiradentes, Aracaju/SE – Brasil  
[thaisereinert@gmail.com](mailto:thaisereinert@gmail.com)

### RESUMO

O estudo, caracterizando-se como uma revisão de literatura, objetivou analisar os efeitos, sobre o desenvolvimento infantil, do esporte na perspectiva da pedagogia do rendimento e da pedagogia da autonomia. Percebeu-se que o esporte de rendimento, ao adentrar no universo escolar, tem ocasionado uma especialização precoce nas crianças, preocupando-se mais com a performance de seus alunos do que, propriamente, com o ensino do esporte, ocasionando neles problemas físicos e psicológicos. Diferentemente, a pedagogia da autonomia respeita a individualidade e os limites corporais dos alunos, tornando a prática esportiva lúdica. Portanto, conclui-se que há necessidade de reavaliar o ensino do esporte nas escolas, de modo que haja uma pedagogia que respeite os limites do corpo e dê prazer aos seus praticantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação física, esporte, rendimento.

### ABSTRACT

The study, characterizing itself as a literature revision, had as objective to analyze the effect, on the child's development, of the sport in the perspective of a performance education and of an autonomy education. One perceived that the income sport, invading the school's universe, has caused a precocious specialization in the children. The education of the income is worried more about the performance of its pupils of what, properly, with the education of the sport, causing in them physical and psychological problems. Differently, the education of the autonomy respects and preserves the individuality, the diversity and the body's limits of the pupils, becoming the sport pleasant and playful. Thus being, one concludes that it has necessity to reevaluate the education of the sport in the schools, in way that has a education that respects the limits of the body and gives pleasure to its practitioners.

**KEYWORDS:** Physical education, sport, performance.

Independentemente de raça, cor, sexo e idade, o esporte é um fenômeno social que tem atraído a atenção de muitos para a sua prática. Vários são os motivos pelos quais as pessoas o procuram; quer seja pelo lazer, quer seja pela saúde, quer seja por *hobbie*, o esporte é freqüentemente associado a um estilo de vida sadio. O desporto:

[...] é receitado para tudo e para nada e surge como pilar central em qualquer campanha de promoção de estilos de vida orientados para a prevenção de inúmeras doenças, de fomento da saúde e de aumento da quantidade e qualidade de vida. Mais ainda, a crença da opinião pública no contributivo da prática desportiva para a saúde é tão grande que as pessoas, quando não aderem à mesma, dão-se ao cuidado de encontrar justificações para a sua abstinência em termos de exercício corporal. (BENTO, 2001, p. 66).

Não é de admirar que o senso comum de que esporte é saúde perdura na maioria das mentes das pessoas. Por outro lado, para aqueles em que ser atleta é uma profissão, o esporte é um meio de superação de limites corporais mesmo que para isso seja necessário conviver com a dor e com lesões pelo resto da vida.

[...] o mesmo esporte, que é fator de qualidade de vida promovendo saúde e educando, também deixa seqüelas, pois os corpos maltratados

nos parques esportivos trazem tatuadas as marcas deixadas pelos esforços excessivos e pelas sobrecargas incompatíveis com suas estruturas. (MELO, 2004, p.120)

Dessa forma, há uma contradição: o corpo pode ser beneficiado como também torturado pela prática esportiva. É sobre esse sacrifício do corpo no esporte de rendimento que o texto irá centrar-se, objetivando discutir sobre os limites físicos e mentais do atleta de competição, bem como analisar os efeitos, sobre o desenvolvimento infantil, de uma pedagogia que visa ao rendimento e de uma pedagogia que respeite os limites corporais, priorize o lúdico e não exclua as possibilidades das crianças criarem e recriarem o esporte.

O presente estudo caracterizou-se como uma revisão de literatura, pois consiste, em uma “avaliação crítica de pesquisa recente sobre um tópico em particular”. (THOMAS & NELSON, 2002, p. 33). Essa revisão de bibliografias já publicadas justifica-se, pois se faz necessário uma reavaliação do ensino do esporte nas escolas, de modo que eduque as crianças para serem autônomas e participativas na construção e transformação da sociedade e não apenas visando ao rendimento desprovido de uma reflexão crítica acerca do processo de ensino-aprendizagem.

### CORPOS SACRIFICADOS NO ESPORTE DE RENDIMENTO

Atualmente, associado ao esporte de rendimento, existe uma verdadeira indústria esportiva<sup>1</sup>, sendo o atleta de alto nível a vitrine de seus produtos – vestimentas, suprimentos alimentares, equipamentos, etc. O atleta moderno tornou-se uma máquina de bater recordes, e de ganhar dinheiro, já que participar nos Jogos Olímpicos passou a ser um bom negócio. (GUEDES, 2001).

Emissoras de TVs e multinacionais investem na imagem de atleta; para tanto ele precisa ser supertreinado, atingindo níveis de performances cada vez mais surpreendentes, para ser valorizado e manter essa imagem na mídia.

Há, também, investimentos na ciência e tecnologia do esporte que crescem paralelamente à indústria esportiva. O atleta de competição conta com ajuda de cientistas e especialistas do esporte que criam recursos tecnológicos que viabilizam o ganho de centésimos de segundo.

Para superar as barreiras do esporte, contam na sua retaguarda, com um exército de psicólogos, fisiologistas, nutricionistas e fisioterapeutas, formando uma equipe multidisciplinar responsável, em grande parte, pela produção de novos recursos capazes de melhorar, ainda que de maneira quase insignificante, a sua performance. (GUEDES, 2001, p.74).

No esporte de rendimento, a superação dos limites e de recordes torna-se um estímulo para o surgimento de novas tecnologias como roupas especiais, equipamentos que reduzem o atrito do corpo com o ar, auxiliam a absorção e evaporação do suor e melhoram a aerodinâmica em algumas modalidades, tudo objetivando a performance.

Não importa o quanto o corpo do atleta irá sofrer, ele é visto com um objeto/máquina que dever ser manipulado para vencer.

A metáfora da máquina passa a ocupar o tema central da concepção dos indivíduos e da cultura. Os laboratórios contribuem para a preparação do treino físico, do treino psicológico e da preparação bioquímica, aliando-se na tarefa de produzir atletas preparados para o sentido da vitória. É a cultura da vitória e da medalha, que nos Jogos Olímpicos, e nos grandes eventos esportivos, encontram como aliados às nações que trabalham para contabilizar um maior número de medalhas. (GUEDES, 2001, p.74).

<sup>1</sup> De acordo com Pitts & Stotlar (2002), indústria do esporte é o mercado que oferece produtos relacionados com o esporte, *fitness*, recreação ou lazer e pode incluir atividades, bens, serviços, pessoas, lugares ou idéias, por exemplo, tênis, joelheiras, camisetas de clubes, instalações para um novo estádio, revistas, eventos esportivos, entre outros.

Os corpos máquinas<sup>2</sup> dos atletas são submetidos a treinamentos rigorosos, estressantes e exaustivos, não respeitando os seus limites fisiológicos e ensinando-lhes a tolerar a dor encarando-a como mais um desafio a ser vencido. Seria isso masoquismo ou culto ao sofrimento? Há quem diga que experimentar o “gostinho de ser campeão” ou o “sabor da vitória” é melhor do que qualquer sofrimento e vale a pena mesmo que após todo o sacrifício você adquira uma lesão. A emoção de subir no pódio supera qualquer dor e nada se compara à sensação de realização pessoal, de que seus esforços foram recompensados.

Todavia, “Torna-se evidente que o treinamento esportivo submete o corpo do atleta a um processo paulatino de sacrifícios, os quais serão reclamados em algum momento da vida do esportista, pois as marcas do sucesso ou do fracasso serão espalhadas em seu corpo”. (MELO, 2004, p.121). Note o que aconteceu ao atleta americano Llewellyn Starks, ele teve sua tibia direita partida, à vista de todos e para seu desespero, pois não suportou mais o impacto, de cerca de uma tonelada, com o solo ao dar a segunda passada na prova do salto triplo durante uma competição em Nova York no ano de 1992. (MELO, 2004).

E quem não se lembra da suíça Gabriele Andersen nas olimpíadas de Los Angeles, em 1984, ao completar a maratona? A atleta cambaleando toda contorcida numa visível expressão de fadiga muscular. Quanto a isso, Rubem Alves [s.d.] comenta: “Assim não pensem que os atletas têm boa saúde, que praticam hábitos saudáveis de vida. Lembram-se da corredora suíça, ao final da maratona? Era a imagem de um corpo torturado pela dor”.

Uma cena comovente, um exemplo para todos de perseverança e superação. Deve ter sido isso o que a atleta sentiu ao cruzar a linha de chegada, de que havia vencido não a prova, mas sim os seus limites corporais. Entretanto, não se deve esquecer do risco de vida e das possíveis seqüelas aos quais ela estava suscetível, a exemplo do jogador de futebol do São Caetano, Serginho, e do camaronês Marc Vivien Foe, também jogador de futebol e mais conhecido como Foe, que não resistiram e faleceram em campo, ambos devido a uma parada cardiorrespiratória. Esses são apenas dois, dentre tantos outros atletas que sucumbiram em vários espaços esportivos, dos quais consigo me lembrar.

Além do desgaste físico, o atleta de alto nível sofre muito com a ansiedade e o estresse psicológico. De acordo com GUEDES (2001, p.79):

Algumas derrotas decorrem mais por problemas psicológicos que de ordem física ou técnica. O estresse, a ansiedade pré-competitiva, e a falta de controle emocional curiosamente, podem ser o grande vilão do atleta nos momentos decisivos das disputas competitivas. Nos esportes individuais como o judô, a natação, e o atletismo, por exemplo, existe um maior desgaste psicológico do atleta, que nos esportes coletivos como o futebol, handebol ou basquetebol.

As derrotas são causadas pelo espírito que envolve o atleta individualmente. Alguns atletas já entram para competir com medo, com gestos exagerados, ansiosos, angustiados, e com receio da derrota, características psicológicas que atrapalham e prejudicam seu rendimento físico e mental. Nervosos e descontrolados emocionalmente, pensam mais na derrota do que na vitória, e mais no fracasso do que no sucesso.

Tal estresse mental é nitidamente evidenciado através de declarações dadas por alguns atletas renomados no meio esportivo:

“Estresse, esse é o meu maior inimigo”.

Ayrton Senna – Automobilismo

<sup>2</sup> A concepção de corpo-máquina é originária do dualismo e mecanicismo cartesiano. René Descartes se preocupou em defender a separação entre *res cogitans* (alma) e *res extensa* (corpo). Para ele, um racionalista convicto, o homem era essencialmente um ser pensante, a mente era sempre superior ao corpo, logo o cogito era o princípio fundamental de toda a filosofia cartesiana. Enquanto a mente era responsável pela razão, ao corpo apenas lhe restava o trabalho manual. Esse dualismo corpo e alma reforça a visão mecanicista a qual considera o corpo somente como um maquinário. (ALMEIDA, 2003, p. 21-25).

“Mônica Seles demonstrou que era melhor. Ela ganhou devido à sua atitude mental”.

Gabriela Sabatini – Tênis

“Eu tenho 23 anos de carreira e sei que o lado psicológico é o que sobrecarrega mais, porque há muita cobrança. No Brasil, você tem de matar um leão por dia”.

Paula – Basquete. (GUEDES, 2001, p.80).

Essas cobranças e exigências exercidas pelos esportes de rendimento, em que o atleta precisa, a cada ano que passa, superar marcas, bater recordes, ganhar medalhas, etc, podem fazer com que ele não mais sinta prazer nos treinos (não confunda a alegria e satisfação que o atleta sente em ganhar uma competição com sentir prazer em treinar). Provavelmente, o que o motiva a continuar treinando é o fato de que o homem sempre procurou desafiar seus limites e o esporte de rendimento é uma verdadeira fonte de desafios. A esse respeito, Rubem Alves [s.d.] diz:

Penso nas nadadoras. Elas me assustam. Não se parecem mulheres. Aqueles ombros enormes! Acho que meus braços não conseguiriam abraçar uma delas. E nem eu quereria. E acho que nem ela quereria. Abraço é perda de tempo. É preciso aproveitar o tempo lutando contra a água. Inimigas da água. Isso mesmo. Porque uma pessoa que passa dez anos de sua vida treinando seis horas por dia não por prazer, mas para sair da piscina um centésimo de segundo na frente da marca olímpica só pode ter ódio da água. A água é o inimigo a ser vencido. Compare com as crianças. Elas amam a água. Elas não querem sair da água. A água é sua companheira de brincadeiras. As nadadoras, ao contrário, não brincam com a água. Lutam contra ela. Tocada a borda da piscina, para onde olham as nadadoras? Elas olham para o placar onde aparece o tempo. É isso. É o tempo que elas amam. Quanto mais depressa melhor!

Fica claro que, no esporte de rendimento, o corpo é sacrificado, em prol de resultados, performances e vitórias num visível paradoxo ao discurso de que esporte é saúde, pois é fato que, após sucessivos anos de treinamentos excessivos, o atleta adquire lesões crônicas, tanto físicas quanto mentais, com as quais eles terão de aprender a conviver pelo resto da vida, mesmo quando do abandono do esporte. (MELO, 2004)

**PEDAGOGIA DO RENDIMENTO: EDUCAÇÃO FÍSICA QUE MALTRATA O CORPO E A MENTE**

Como se não bastasse, as cobranças de performances exigidas dos atletas de alto nível estão invadindo o universo escolar. As crianças são encaradas como um “adulto em miniatura” capaz de suportar os mesmos treinamentos rigorosos e estressantes aplicados aos atletas. (KORSAKAS & ROSE JUNIOR, 2002).

A escola que deveria ser uma instituição de ensino democrática, que priorizasse o esporte-educação em que todos pudessem participar, ao contrário, fomenta o esporte-rendimento e a competição exacerbada. O esporte oferecido às crianças pouco difere da prática adulta. As crianças são submetidas a peneiras, para a seleção de equipes, e a sessões de treinamentos exaustivos, muitas vezes incompatíveis com o desenvolvimento motor de sua idade, com a continuidade dos estudos e outras atividades comuns ao período da infância. “A grande preocupação de ter equipes competitivas nas escolas sobrepõe-se à intenção de ensinar o esporte para os alunos. [...] Eis a pedagogia do rendimento”. (KORSAKAS & ROSE JUNIOR, 2002, p.85).

Nesse sentido, OLIVEIRA (1986, p. 08) diz que:

Aí, o professor de Educação Física assumiu o papel de educador do físico, deixando de atender às necessidades do homem total. [...] a boa

aula é a que exaure o aluno. Além disso, o profissional que atua nesta área ficou historicamente identificado com hábitos militares [...]. Tornou-se um “disciplinador”, antes de mais nada.

Diante disso, o aluno ao invés de ser um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, torna-se um corpo-máquina, cujos movimentos são mecânicos e automatizados desprovidos de uma reflexão intelectual objetivando apenas o adestramento físico conduzindo o aluno ao rendimento com nenhum conteúdo genuinamente educativo. (MEDINA, 1995).

Ademais, essa “adultização” da infância<sup>3</sup>, especialização precoce e a competição exacerbada têm feito surgir, na infância, síndromes que antes eram “privilégios” dos adultos como o estresse, a insônia e a ansiedade, entre outros.

Não é de admirar que um número significativo de crianças abandone precocemente a prática esportiva. Submetidas a situações constrangedoras manifestadas, entre outros aspectos, nas exigências de performances, na ansiedade por não atender às expectativas de pais e professores e na dificuldade de entender a relação entre sucesso e fracasso, elas optam por se livrar do elemento causador do desconforto: o esporte. Essa atitude caracteriza a síndrome de saturação esportiva. Nesse contexto, algumas crianças ainda persistem em obter performances compatíveis com suas capacidades, por diferentes motivos (entre eles, mídia, amigos, família e escola), porém, o estresse provocado por tal decisão pode resultar em “vertigens, tiques, sonhos agitados, enurese noturna, diarreia, vômitos, dificuldades na aprendizagem e memorização, além de transtornos de caráter”. (MARCO & MELO, 2002, p.342-343).

Além de todos esses males causados pelo esporte de rendimento, as crianças, assim como os adultos, também sofrem o estresse psicológico:

O medo de não obter um bom desempenho e de não conhecer as características dos outros jogadores e do espaço de jogo fomenta o surgimento de outro aspecto psicológico a ele estreitamente relacionado: a ansiedade. [...] Na prática esportiva, a ansiedade se configura em diferentes manifestações, como roer unhas durante a partida, tiques nervosos e insônia na noite precedente à atividade competitiva. (MARCO & MELO, 2002, p.343)

Observa-se, então, que o esporte e a pedagogia de rendimento, aplicados aos atletas de alto nível, têm sido transmitido às escolas que se tornaram um celeiro de atletas, um caça-talentos.

#### PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: EDUCAÇÃO FÍSICA QUE CUIDA DO CORPO E DA MENTE

Após esta discussão acerca do esporte de rendimento, torna-se inevitável e urgente refletir sobre uma mudança na pedagogia de ensino do esporte nas escolas. É imprescindível a adoção, por parte da escola e dos professores, de uma pedagogia que valorize a educação integral do aluno, que desenvolva não apenas a aptidão física, mas também o cognitivo, o social e o afetivo, que priorize o lúdico ao invés do rendimento, que respeite os limites do corpo e dê prazer aos seus praticantes. Em outras palavras, uma pedagogia da autonomia.

A palavra autonomia, de origem grega, significa lei própria. FERREIRA APUD KORSAKAS & ROSE JUNIOR (2002) a define como a capacidade de um indivíduo governar por si mesmo. Pode-se dizer, então, que a pedagogia da autonomia baseia-se em uma prática educativa que busca ensinar o educando a ser capaz de regular seus próprios interesses com independência e autodeterminação.

<sup>3</sup> A palavra “adultização” deriva de “adulto”, de modo que “adultização” da infância significa antecipar o desenvolvimento infantil, bem como os problemas da fase adulta à infância tal como o estresse. Para Kant (2002, p. 60-67), habituar a criança desde cedo nas ocupações sérias, uma vez que ingressarão um dia na vida em sociedade, produz um efeito detestável. Embora ela deva acostumar-se, gradativamente, a ter responsabilidades, o brincar sempre deve existir nessa fase.

Para FREIRE (2000, p. 63), “o educador que ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica.”. Tal como afirma Freire, assim o faz o esporte de rendimento.

Ao invés disso, a autonomia, a dignidade e a identidade do educando tem de ser respeitada, caso contrário, o ensino tornar-se-á “inautêntico, palavreado vazio e inoperante.” (FREIRE, 2000, p.69). É necessário encarar o aluno como ser pensante detentor de um intelecto, capaz de solucionar problemas, autonomamente, até porque não dá para entender o corpo trabalhando sem a mente e a mente sem o corpo.

Sendo assim, a pedagogia da autonomia assume a função de estimular a capacidade de formular e resolver problemas, de desenvolver a autonomia, o pensamento crítico, a criatividade e a participação ativa da criança na construção e transformação do mundo. Esta dá liberdade à criança, sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem; liberdade essa consciente e responsável, para construir e reconstruir o esporte a fim de proporcionar-lhe prazer e diversão nesse processo de ensinar e aprender. Duvidar que isso fosse possível de se realizar, em se tratando de crianças a nível escolar, é subestimar o potencial dentro delas e não acreditar na possibilidade de se transformar o ensino do esporte na escola.

Diante disso, o esporte educativo deve ter como objetivo o resgate da unidade humana, entendendo as crianças como seres cujas emoções, pensamentos e ações são elementos constitutivos da sua identidade, respeitando e preservando a individualidade, a diversidade, os limites corporais e tornando a prática esportiva prazerosa e lúdica. Deste modo, o esporte-educação incorpora a si a pedagogia da autonomia.

Assim é a pedagogia da autonomia e o esporte-educação. Ampliar sua significação e adoção nas escolas é o papel da Educação Física.

#### CONCLUSÃO

O esporte de rendimento deve ser distinguido do esporte componente da cultura corporal. Este visa ao desenvolvimento infantil o âmbito afetivo, social, motor e cognitivo. Enquanto aquele se destina a atletas de alto nível, profissionais do esporte, que já passaram, ou, pelo menos, deveriam ter passado por uma preparação-base a fim de que seus corpos suportem tantos extensivos e rigorosos treinamentos.

O que se propõem não é a exclusão do esporte nas aulas de Educação Física, e sim procurar redimensioná-lo em outros preceitos que não supervalorize o rendimento, o qual trata o corpo como uma máquina, deixando marcas nos corpos dos praticantes e causando uma série de problemas fisiológicos, neromusculares e, principalmente, psicológicos.

Deve-se, então, tratar o esporte pedagogicamente a partir da autonomia dos indivíduos na busca de uma formação esportiva que garanta a continuidade da sua prática, visando à formação do desenvolvimento individual e do compromisso social de transformação da realidade.

Neste aspecto, as escolas e os professores (de Educação Física), principais mediadores do processo de ensino-aprendizagem, possuem um grande papel para a efetivação de fato da pedagogia da autonomia, especialmente, através de mudanças pedagógicas e no objetivo do ensino do esporte escolar.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Admilson. Gonçalves. **Corpo e a educação física**: um debate sobre a visão dualista. Piracicaba, SP, 2003. 88f. Dissertação (mestrado em Educação Física). Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP.

ALVES, Rubem. Quarto de Badulaques LVIII. [s.d.]. <http://www.rubemalves.com.br/quartodebadulaquesLVIII.htm>. (29.05.07).

- BENTO, Jorge Olímpio. Desporto Corpo e Saúde – ensaio para um discurso maior. In: GUEDES, Onacir Carneiro (org.). **Atividade Física e Esportes: Contextos e perspectivas evolutivas**. João Pessoa: UNIPÊ, 2001. p. 66-72.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 165 p.
- GUEDES, Onacir Carneiro. Limites Físicos e Mentais do Atleta de Competição. In: \_\_\_\_\_. **Atividade Física e Esportes: Contextos e perspectivas evolutivas**. João Pessoa: UNIPÊ, 2001. p. 73-85.
- KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 3. ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, [2002]. 107 p.
- MARCO, Ademir de; MELO, José Pereira de. Desenvolvimento Humano, Educação e Esporte. In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: UNIMEP, 2002. p. 337-352.
- MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo e ..."mente"**. [13. ed.]. Campinas, SP: Papirus, [1995]. 96 p.
- MELO, José Pereira de. Sacrifícios do corpo no esporte. In: LUCENA, Ricardo (org). **Educação Física: esporte e sociedade**. Rio Claro: Shape, 2004. p. 119-129.
- KORSAKAS, Paula; ROSE JUNIOR, Dante de. **Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2002, 1(1). p.83-93.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho. **O que é educação física**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 113 p.
- PITTS, Brenda G. & STOTLAR, David K. **Fundamentos de Marketing Esportivo**. São Paulo: Phorte, 2002. 317 p.
- THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002. 419 p.

End. Rua Professor Antônio Fagundes de Melo, 370 ap.101, Bairro 13 de Julho/ Aracaju-SE.  
CEP: 49020700 ([thaisereinert@gmail.com](mailto:thaisereinert@gmail.com), 79 3246-2462 / 8807-8000).